



A intelectualidade e o Teatro Experimental do Negro: Raça e Negritude em debate no 1º Congresso do Negro Brasileiro

*MAYBEL SULAMITA DE OLIVEIRA**

Ao utilizarmos uma categoria ou um conceito dentro das análises historiográficas, muitas vezes, não nos atentamos para sua própria formação e construção como um conceito fragmentado e modificado ao longo do tempo, carregando em si mesmo diferentes usos e empregos devidos ao seu contexto e aplicação. Partindo dessa pequena observação acerca da importância da discussão sobre categorias e conceitos, considerando-os não neutros, esse trabalho tem como objetivo geral discutir a categoria intelectual empregada nas ciências humanas, partindo especificamente da presença de intelectuais e seus debates dentro do grupo artístico Teatro Experimental do Negro (TEN) dirigido por Abdias do Nascimento entre as décadas de 1940 a 1960 na cidade do Rio de Janeiro.

Para essa análise particularmente, focaremos apenas nos debates e discussões realizadas dentro 1º Congresso do Negro (1950), a escolha do evento específico se dá por seu caráter intelectual, acadêmico e pela presença de diversos intelectuais brasileiros interessados nas relações raciais do Brasil, essa presença e as interações promovidas ao longo do evento a partir de comunicações e teses nos permitem observar a formação de uma rede de sociabilidades que se inicia dentro de um grupo teatral que propunha interações que iam muito além do meio artístico.

Após essa breve introdução das principais intenções, é importante destacar como dividiremos o presente texto, assim pretendemos partir de três pontos centrais; primeiramente abordaremos como a categoria de intelectuais foi construída e se modificou ao longo do tempo, para esse desenvolvimento nos utilizaremos dos escritos de Jean François Sirinelli, Noberto Bobbio, Patricia Santos Hansen e Ângela Castro Gomes. Em um segundo momento, trataremos das especificidades e dos temas tratados por intelectuais pertencentes ao TEN durante o 1º Congresso do Negro, apresentando as disputas internas que eram recorrentes em eventos com essa temática. Já na última parte pretendemos relacionar e aproximar a presença desses intelectuais nos eventos

* Mestranda em História Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e bolsista CAPES.

programáticos do TEN ao conceito de campo e rede a luz das contribuições de Pierre Bourdieu. Acreditamos que dentro desses três eixos, conseguiremos dialogar como diferentes conceitos podem se relacionar e possibilitar novas discussões acerca dos estudos das relações raciais no Brasil e os intelectuais presentes nesses espaços.

Intelectuais: uma categoria construída e polissêmica

Ao usarmos o conceito de intelectual, percebemos a necessidade de historicizá-lo, pois, na medida em que nos apropriamos do termo percebemos a importância de sua definição, como também apontar sua pluralidade para os estudos históricos. Dentro dessa discussão, portanto, a história dos intelectuais pode confluir e permear estudos ligados tanto à história política, quanto a social e cultural, na medida em que a presença de homens considerados intelectuais se fazem presentes em diversas áreas da sociedade.

O historiador francês Jean François Sirinelli aponta que a história demorou em se interessar pela história dos intelectuais, principalmente devido ao período de entusiasmo pelas “massas”, ou seja, nas análises coletivas, como também a certa recusa em focar seus estudos a indivíduos pertencentes a “elite”, o que poderia caracterizar ainda um grande vínculo a uma história positivista (SIRINELLI, 1996:237). Essa ausência para Sirinelli só passou a ser superada entre os historiadores franceses a partir da década de 1980, quando o interesse pelos intelectuais ultrapassou limites individuais biográficos ou generalizações sociais.

Mas dentre esses apontamentos relacionados à pesquisa histórica, Sirinelli indica dois questionamentos recorrentes acerca do conceito de intelectuais, que permeiam sua definição e também delimitação, o primeiro seria pautado na pergunta: O que seria um Intelectual? O segundo seria apontar em qual medida os intelectuais podem causar influências na vida das sociedades, tanto para o bem, quanto para o mal (SIRINELLI, 1996:241). Não há apenas uma resposta para essas perguntas, o que podemos perceber é a pluralidade de novos questionamentos e respostas que os estudos históricos trouxeram para o tema, nesse sentido para Sirinelli a “história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar em si mesmo, é um

campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 1996:232).

Para tentamos elencar ou apontar possíveis respostas que possam a vir contribuir para o debate acerca da categoria de intelectual, cremos que tanto Sirinelli quanto Noberto Bobbio, Patricia Hansen e Ângela Castro Gomes possam elencar possíveis delimitações sobre os indivíduos considerados intelectuais em diferentes períodos históricos. Para Bobbio, a noção de intelectual já vindo sendo conhecida e discutida há um longo tempo, mas não conhecida por esse termo particular, a noção do que seria propriamente um intelectual perpassa por diversas conceituações e significados, como a de: filósofos, doutores, homens das ciências, literatos, homens das letras, entre outros. De acordo com Bobbio, os intelectuais seriam:

Considerados sujeitos a quem se atribui de fato, ou de direito a tarefa específica de elaborar e transmitir conhecimentos, teorias, doutrinas, ideologias, concepções do mundo ou simples opiniões que acabam por constituir ideias ou os sistemas de ideias de uma determinada época e de uma determinada sociedade. (BOBBIO, 1997:110)

Dentro dessa relação de influencia em uma sociedade, Bobbio também aponta a relação intrínseca entre o poder e os indivíduos considerados intelectuais, essa relação assim, não pode ser vista de maneira separada, pois, a forma crítica utilizada por esses agentes pode legitimar relações de poder e tomada de decisões.

Sirinelli corrobora com Bobbio, definindo cargos específicos que podem caracterizar o intelectual, defendendo duas acepções de intelectual dentro da história francesa, uma se vincularia de forma ampla e sociocultural abarcando criadores e mediadores culturais, como por exemplo, jornalistas, escritores, professores, eruditos. A segunda seria mais estreita e se basearia no engajamento exercido por esses agentes, para Sirinelli as duas acepções são válidas, e destacam o caráter polissêmico (SIRINELLI, 1996:242) da noção de intelectual que permite ao historiador abertura para estudos aprofundados sobre essa temática.

Esse sentido amplo de acordo com as historiadoras Patricia Hansen e Ângela Castro Gomes permite que consideremos “homens de produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social” (GOMES, Angela e HANSEN, Patrícia, 2016:10), juntamente a desconstrução do ideal

do intelectual como um indivíduo único, ou considerado com um gênio, isolado de outras relações de produção. Essas relações permitem ao intelectual não só a circulação de suas produções culturais, mas também envolvem diversas ligações com seus pares, o que pode ser considerado como um espaço de trocas e de sociabilidade. Sobre essa reflexão o conceito de rede e de campo podem ser grandes aliados para a compreensão dessas estruturas e desses espaços de sociabilidade, nos aprofundaremos acerca desse assunto posteriormente neste trabalho, a luz das teorias de Pierre Bordieu, tendo o Teatro Experimental do Negro como foco.

O 1º Congresso do Negro Brasileiro como redes de sociabilidades dos intelectuais

Antes de entrarmos propriamente nos debates e frentes de disputas realizados durante o 1º Congresso do Negro Brasileiro, faz-se necessário apresentar alguns pontos sobre a trajetória do grupo que organizou tal evento, o Teatro Experimental do Negro (TEN), portanto, como grupo reunia em si mesmo diversas facetas e estratégias de atuação no cenário teatral brasileiro, que nos permitem múltiplas discussões e abordagens acerca de sua organização e desenvolvimento.

Criado por Abdias Nascimento em 1944, o grupo buscava se inserir no meio teatral para travar novas discussões acerca da estética predominante no período e também denunciar o racismo presente na sociedade brasileira ocultado principalmente pela ideia predominante da existência da democracia racial. A ideia dessa criação ocorreu após uma viagem realizada ao Peru, de acordo com o próprio Abdias a passagem por Lima foi a grande virada, e o grande salto qualitativo de sua existência (NASCIMENTO, 2006:108), pois, foi nesse momento que teve a oportunidade de assistir a peça de Eugene O'Neill intitulada *O Imperador Jones*, que contava com a história de um escravo negro que havia cometido um assassinato e fugiu para uma das ilhas das Antilhas, posteriormente o personagem se deixa seduzir pelo poder econômico por ascender socialmente e conseqüentemente acaba escravizando outros negros. A peça apresentada em Lima chamaria a atenção por ser estrelada por um ator branco, pintado

de tinta preta, prática hoje conhecida pelo termo “black-face”¹, tal situação provocou em Abdias Nascimento algo além apenas da indignação, mas também a percepção da realidade brasileira teatral.

Por que um branco brochado de negro? Pela inexistência de um intérprete dessa raça? Entretanto, lembrava que, em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam a quase metade de sua população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido representado por um artista da minha cor. Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial? Minhas indagações avançaram mais longe: na minha pátria, tão orgulhosa de haver resolvido exemplarmente a convivência entre pretos e brancos, deveria ser normal a presença do negro em cena, não só em papéis secundários e grotescos, conforme acontecia, mas encarnando qualquer personagem – Hamlet ou Antígona – desde que possuísse o talento requerido. (NASCIMENTO, 2004:209)

Não trataremos aqui das especificidades e de todas as facetas do Teatro Experimental do Negro devido a sua ampla atuação em diversas frentes, mas é importante ressaltar a multiplicidade de ações em que o grupo esteve envolvido, para o sociólogo Ricardo Gaspar Muller o projeto inicial de Abdias Nascimento, foi muito mais ousado e abrangente que o nome do grupo proporia, havia a ambição de não apenas fundar um grupo teatral onde atores negros pudessem ser protagonistas, mas também desenvolver simultaneamente diversos projetos que contribuíssem de forma ideológica e política para a identidade negra e a conquista de direitos dos negros resistindo às práticas racistas no Brasil (MULLER, 1999:1).

Nosso foco nesse trabalho, portanto, privilegiará apenas o 1º Congresso do Negro Brasileiro, como um evento resultante de outras convenções e conferências realizadas anteriormente pelo TEN, cremos o evento citado elenca de forma mais coletiva as discussões e propostas realizadas nos eventos anteriores. Realizado entre 26 de agosto e 04 de setembro de 1950, o congresso reunia em si teses, indicações, depoimentos e contribuições acerca do negro brasileiro, o evento pretendia ir além do debate acadêmico, mas também permitir a presença ativa do negro como um agente produtor de conhecimento e também participante ativo ao lado de especialistas brancos.

¹ O termo *black – face* refere-se a prática de pintar com tinta preta atores brancos para representar personagens negros, de satírica e ridicularizada. A prática reforçava estereótipos racistas, bem como impedia a entrada de atores negros no meio teatral.

Acerca das fontes referentes ao congresso, grande parte está reunida no livro *O Negro Revoltado* de Abdias Nascimento, a obra conta com os escritos de inauguração, abertura do evento, moção de homenagem, regimento interno, relação geral das teses, indicações e trabalhos, Infelizmente algumas teses presentes no congresso não entraram no livro e posteriormente foram extraviadas e não se encontram mais nos acervos do IPEAFRO², um desses casos, seria a importante tese de Ironildes Rodrigues intitulada *Estética da Negritude* que despertou disputas ideológicas dentro do congresso como veremos a seguir.

O temário proposto para o 1º Congresso do Negro Brasileiro foi aprovado por unanimidade na sessão de encerramento da Conferência Nacional do Negro (NASCIMENTO, 1982:114) realizada em 1949, o temário citado se dividia em seis pontos gerais e se referia aos seguintes itens: História, Vida Social, Sobrevivências Religiosas, Sobrevivências Folclóricas, Línguas e Estética, cada um deles também estava subdividido em tópicos que aprofundavam os temas propostos (ROSA, 2009:76), o Congresso, portanto, pretendia dar ênfase aos problemas práticos e atuais dos negros, propondo mudanças e soluções. Nas relações das teses podemos observar a forte presença de intelectuais já “consagrados”, ou seja, como já apontamos havia a presença de diversos nomes que já se faziam conhecidos por sua produção de conhecimento acerca dos estudos das relações raciais no Brasil, entre elas estavam nomes como os de Édison Carneiro, Oraci Nogueira, Darcy Ribeiro, Roger Bastide, Guerreiro Ramos, Aguinaldo Camargo, Luiz de Aguiar Costa Pinto, entre outros.

Os autores reunidos pelo TEN no congresso podem se apresentar como uma organização que se enquadra a uma estrutura de rede de sociabilidade específica, pois, ao tratarem de uma temática como os problemas sociais, culturais do negro e sua isenção na sociedade brasileira, percebemos a formação de produtores de conhecimento acerca dessa temática que os ligava e reunia. De acordo com Sirinelli o conceito de rede de sociabilidade está intrinsecamente ligado à categoria de intelectuais, na medida em que em grande parte os intelectuais precisam dialogar com seus pares através de

² IPEAFRO - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, instituto criado por Abdias Nascimento que reúne e preserva todo seu acervo pessoal, como também documentos referentes ao Teatro Experimental do Negro.

preposições e posições distintas, que se juntam por uma sensibilidade ideológica ou interesses comuns aos seus participantes.

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. (SIRINELLI, 1996:248)

As relações raciais no Brasil, assim como as propostas de congressos sugeridas pelo Teatro Experimental do Negro elencam características e oportunidades para a criação de redes de sociabilidades, onde esses intelectuais podiam realizar trocas, disputas e debates acerca de seus estudos e temas relacionados ao negro brasileiro, assim, o meio intelectual constitui um pequeno mundo, onde laços se atam (SIRINELLI, 1996:248), desatam ou entram em conflito.

Não poderemos nesse momento abordar as trajetórias individuais dos intelectuais presentes no congresso, mas destacamos a presença de etnólogos, sociólogos, antropólogos, atores e jornalistas que se dedicavam aos estudos afro-brasileiros há vários anos; essas redes de sociabilidade intelectual não se limitavam apenas ao 1º Congresso do Negro Brasileiro, grande parte desses intelectuais já estavam nesse ambiente em outros momentos, exemplo disso, seriam os Congressos Afro-Brasileiros realizados em 1934 no Recife e 1937 na Bahia.

José Jorge Siqueira no artigo *Os Congressos Afro-Brasileiros de 1934 e 1937 face ao I Congresso do Negro Brasileiro de 1950: rupturas e impasses* disserta principalmente acerca dos congressos afro-brasileiros e seus temas e preposições, apontando principalmente o caráter das teses apresentadas que partiriam de conceitos de “aculturação”, “assimilação” e “contribuições negras” (SIQUEIRA, 2005:44). Nos dois eventos citados participaram autores como Gilberto Freyre, Ullysses Pernambuco, Álvaro Faria, Édison Carneiro, Miguel Barros entre outros nomes conhecido no congresso de 1950.

O conceito de Raça no 1º Congresso do Negro Brasileiro: Capitais culturais e sociais

Quando nos aproximamos das estruturas de rede para tratarmos dos intelectuais presentes no evento realizado pelo Teatro Experimental do Negro, não podemos deixar de assinalar que as redes de sociabilidades também se apresentam através de disputas e conflitos. Dessa maneira, a teoria de campo social defendida por Pierre Bourdieu e revisitada pelo próprio autor posteriormente, pode nos permitir realizar ligações acerca dessas organizações.

As redes de sociabilidade que integram as discussões do congresso proposto pelo TEN determinam estruturas fluídas, posições sociais dos agentes participantes de acordo com suas qualificações intelectuais (capital cultural) ou de relações de interconhecimento e conhecimento mútuo (capital social), na medida em que o congresso permitia a participação tanto de intelectuais, quanto de pessoas “comuns” afastadas de produções científicas ou ambientes acadêmicos.

Assim, como produtores de bens simbólicos e como sujeitos portadores de valores, os intelectuais presentes no congresso podem se aproximar em seu interesse pelo tema comum, mas podem também estar em constantes disputas de acordo com suas visões de mundo e sua realidade social. Nesse sentido o grande marco acerca do congresso aqui tratado, se deu por debates acerca a respeito compreensão pelos intelectuais de dois conceitos específicos: o de negritude e raça.

O debate, e até mesmo a divisão travada dentro do 1º Congresso do Negro Brasileiro se deve claramente ao aparecimento de duas correntes de pensamento acerca da declaração final do congresso. De acordo com Abdias Nascimento de um lado se colocaram a maioria constituída pelo povo negro (onde estariam pessoas sem títulos acadêmicos) e do outro lado estariam os “homens de ciência” (NASCIMENTO, 1982:59).

A divergência entre os dois grupos se efetivaria através das declarações finais do congresso, onde primeiramente foi aprovada uma declaração final pela plenária aberta e uma segunda declaração final assinada apenas pelos “cientistas” de orientação marxista (NASCIMENTO, 2014:187). O debate teve seu início a partir da apresentação da tese de Ironildes Rodrigues chamada *A estética da Negritude*, devido a sua afirmação do conceito de negritude, Nascimento aponta que a partir desse momento tanto Edson Carneiro como L.A. Costa Pinto se “insurgiram, negaram a negritude e tentaram

mesmo levá-la ao ridículo”, para Nascimento a tese de Rodrigues demonstrava a importância do conceito para os negros.

Com a publicação do volume em preparo Negritude Polêmica, a sair brevemente, se constatará através das notas taquigrafadas, a consagração pelo Congresso em peso – o povo negro, o povo-massa-de-cor – do conceito da Negritude, numa lúcida antecipação do fenômeno histórico que conduziu às nações africanas a afirmação de sua independência. (NASCIMENTO, 1982:99)

O que Nascimento aponta como uma insurgência seria a divergência acerca da presença do conceito de raça apresentando ao longo do congresso. Tanto nas teses, como nos discursos de Nascimento, percebemos que o conceito de raça, ora se aproxima de elementos representativos da negritude e sua valorização da raça como categoria sociológica, se aproximando de ideais pan-africanistas, ora argumenta a partir da negação da raça partindo para exaltação de valores patrióticos e integracionistas.

Porque muitos brasileiros de cor, patrioticamente interessados nos estudos dos meios que os conduzam a sua integração definitiva na nacionalidade [...] estão liderando a elaboração de um pensamento forçando a cristalização de uma política racial cujo conteúdo ideológico se encontra em nossa tradição, em nossos costumes, que nunca permitiram ou endossaram a supremacia de um grupo étnico sobre os representantes de outras raças. Observamos que a larga miscigenação praticada como imperativo da nossa formação histórica, desde o início da colonização do Brasil, está se transformando, por inspiração e imposição das últimas conquistas da biologia, da antropologia e da sociologia, numa bem delineada doutrina da democracia racial, a servir de lição e modelo para outros povos de formação.³

Nesse pequeno trecho Nascimento não só questiona intelectuais negros acerca de suas bases ideológicas, como também aponta para um processo que indicaria a miscigenação como algo positivo e se transformaria na alegação da democracia racial no Brasil, e tal processo estaria presente nas tradições e costumes do brasileiro que seriam positivas, posteriormente esse argumento será veemente negado por seu próprio autor devido a mudanças ideológicas pós seu exílio (NASCIMENTO, 1982:10).

Sobre as duas declarações finais que foram elaboradas dentro do Congresso, no primeiro documento aprovado pelos participantes da assembleia final, foram apresentados os objetivos pretendidos no congresso, entre eles estavam à tentativa de

³ Discurso de Inauguração proferido por Abdias Nascimento na Associação Brasileira de Imprensa em 26 de agosto de 1950.

remediar os problemas pós-abolição; desenvolver o espírito associativo dos negros; promover instruções técnicas, profissionais e artísticas do negro; preocupação com a saúde física; e a equiparidade de oportunidades entre brancos e negros⁴.

Após tais objetivos, também foram indicadas recomendações e condenações, que buscavam por fim ao debate e responder as críticas que foram levantadas durante as apresentações das teses dentro do evento, que sugeriam que o congresso proporia um “racismo negro” contra brancos ou um “racismo ao avesso”, devido à valorização dos estudos sobre negritude⁵, e a presença forte da utilização do conceito de raça ou termos semelhantes em diferentes momentos, como: beleza racial do negro, discriminação racial, língua negra e apreciação da raça negra. Assim, a declaração final aprovada pela plenária condenava “associações de brancos ou de negros organizadas por critério racial, ou a prática de um messianismo racial que afirmasse a raça como critério de ação ou superioridade”⁶.

Mesmo com as ponderações presentes no documento, nove intelectuais participantes do congresso, sentiram a necessidade de redigir uma nova declaração final do 1º Congresso do Negro Brasileiro assinada somente por cientistas⁷, pois, acreditavam ter como dever apresentar ponderações acerca do congresso por serem homens da ciência⁸. A declaração científica de maneira sucinta se apresentou em três tópicos específicos, que afirmavam que os autores da declaração não acreditavam em raças como fatores determinantes ou qualquer teoria que apoiasse qualquer gradação física e intelectual dos grupos humanos; a segunda afirmação seria de que defendiam uma identidade brasileira, fruto da interação; e por último viam o 1º Congresso do Negro

⁴ Declaração Final do 1º Congresso do Negro Brasileiro – Aprovada em Assembleia em 03 de setembro de 1950.

⁵ O termo/conceito de Negritude pode ser entendido e usado de diversas formas referentes à visibilidade da questão étnica, seu uso perpassa o caráter político, ideológico e cultural. A Negritude como movimento tem seu início na diáspora, proferindo um orgulho racial, negando toda e qualquer alienação do Negro. Através de W.E. B Dubois, pai simbólico do pan – africanismo e de Aimé Césaire. O termo é cunhado para se afastar de padrões de comportamento, crenças, instituições e valores transmitidos coletivamente pela influência europeia, trabalhos acerca do tema são realizados pelo sociólogo Kabengele Munaga e pelo historiador Petrônio Domingues.

⁶ Declaração Final do 1º Congresso do Negro Brasileiro – Aprovada em assembleia em 03 de setembro de 1950.

⁷ Declaração Final do 1º Congresso do Negro Brasileiro – Assinadas pelos Cientistas em 02 de setembro de 1950.

⁸ Idem.

Brasileiro, como um evento ausente de aspectos científicos e que foi promovido para acirrar ódios através do racismo e de aspectos “hitleristas” já superados⁹. A declaração foi assinada por Edson Carneiro, Padre Pedro Schonakker, Guerreiro Ramos, Carlos Galvão Krbs, L. A. Costa Pinto, Darcy Ribeiro, Walfrido Gomes, Joaquim Ribeiro e Amaury Porto de Oliveira, é importante destacar que ao lado de cada nome assinado, havia a indicação da formação acadêmica do autor.

O conflito em torno do conceito de raça, pode nos alertar novamente para a construção e elaboração de categorias ao longo do tempo, ganhando novos significados devido a distintos processos. Assim, o conceito de raça antes usado em seu caráter biológico para definir superioridade ou inferioridade será ressignificado para designar “uma comunidade histórica e espiritual transnacional”, ao lado de outros termos complexos como o de cultura negra que permite diversas interpretações que podem se aproximar do significado de raça, ou de conjunto manifestações artísticas e materiais do povo negro (GUIMARÃES, 2003:35). Para Guimarães a crença de uma cultura negra ou do termo raça se alimenta em um sentimento profundo das diferenças entre negros e brancos, e nunca foi posta em dúvida pelos próprios negros, servindo como uma base para ideais nacionalistas pan-africanistas (GUIMARÃES, 2003:28).

Assim como a construção e os significados polissêmicos da categoria de intelectuais, os termos que se aproximam das relações raciais brasileiras também estão imbuídos de relações de poderes, lideranças morais e discursos carregados de visões de mundo de seus autores. Dessa forma, cremos que nos voltarmos para a presença de um grupo artístico que ultrapassou limites teatrais e produziu em si a formação de uma rede de sociabilidade intelectual acerca dos problemas sociais e culturais do negro brasileiro. Guimarães observa que o Teatro Experimental do Negro, através de suas diversas frentes inaugurou “uma real inserção da intelectualista negra brasileira na vida nacional, “negra” não apenas na cor, mas, e principalmente na identidade” (GUIMARÃES, 2003:35), ou seja, negociando entre uma identidade racial e uma identidade nacional que de certa forma sempre prevalecia sobre a primeira.

⁹ Idem.

Bibliografia

BOBBIO, Norberto. **Intelectuais e poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997 (1ª ed. 1978).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CHARTIER, Roger. “Pierre Bourdieu e a história”, **Topoi, Revista de História**, Rio de Janeiro, v.3, n.4, jan. jun. 202, p. 139-182.

GOMES, Angela de Castro e HANSEN, Patrícia (org.) **Intelectuais mediadores: projetos culturais e ação política**, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2016.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. A modernidade negra. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, n. 42-43, 2003.

MULLER, Ricardo G. Teatro, política e educação: a experiência histórica do Teatro Experimental do Negro (TEN) - 1945-1968. In: **CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PORTUGAL- BRASIL: Memórias e Imaginário**. Lisboa, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. **O Negro Revoltado**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

_____. Teatro Experimental do Negro: Trajetórias e reflexões. **Estudos Avançados 18 (50)**, 2004

_____; SEMOG, Éle. **Abdias Nascimento: o griot e as muralhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento (Grandes vultos que honraram o Senado)**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014.

ROSA, D. R. A. Teatro Experimental do Negro: Estratégia e Ação. In: **X Congresso Luso Afro Brasileiro: Sociedades Desiguais e Paradigmas em Confronto**, 2009, Braga/ Portugal, 2009.

SIQUEIRA, José Jorge. Os Congressos Afro-Brasileiros de 1934 e 1937 face ao I Congresso do Negro Brasileiro de 1950. **Augustus**, Rio de Janeiro, v. 10, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**, Rio de Janeiro, FGV, 1996.